

EDUCAR SEXUALMENTE OS ADOLESCENTES: uma finalidade da família e da escola?^a

José Manuel da Silva VILELAS JANEIRO^b

RESUMO

As alterações de famílias expandidas para nucleares, os avanços das mídias na influência de massas, os estilos de vida pouco saudáveis dos adolescentes e os laços familiares enfraquecidos, mostram como a educação, nomeadamente a sexual, se tornou necessária atualmente. Realizamos um estudo do tipo descritivo-correlacional, para analisar a influência da família e da escola no processo de educação sexual dos adolescentes. A amostra foi composta por 109 sujeitos. Utilizamos um questionário para avaliação dos comportamentos e saúde sexual dos adolescentes, o *Parental Bonding Instrument* e a Escala de Atitudes Sexuais. Os resultados mostraram que os adolescentes iniciaram as relações sexuais com uma idade de 14 anos. Os professores e os adolescentes consideravam que as famílias eram uma fonte segura e suficiente de educação sexual. Estes dados sublinham a necessidade da escola e das famílias trabalharem em conjunto com os adolescentes, proporcionando informações e habilidades para uma saúde sexual responsável na adolescência.

Descritores: Adolescente. Educação sexual. Instituições acadêmicas. Família.

RESUMEN

Los cambios de familias extensas a nucleares, los avances de los medios de comunicación en la influencia de las masas, los estilos de vida poco saludables de los adolescentes y los débiles lazos familiares, muestran como la educación, incluso la sexual, es necesaria actualmente. El actual estudio descriptivo y correlacional apunta a analizar la influencia de la familia y de la escuela en un curso de educación sexual para adolescentes. La muestra estuvo compuesta por 109 personas. Los instrumentos usados fueron: Sexual Behaviors and Health Questionnaire, Parental Bonding Instrument, the Sexual Attitudes Scale. Los resultados demostraron que los adolescentes mantienen su primera relación sexual a los 14 años de edad. Los profesores y los adolescentes consideraban que las familias eran una fuente segura y suficiente de educación sexual. Estos datos destacan la necesidad de que la escuela y las familias trabajen junto con los adolescentes para proporcionar información y capacidad para tener una salud sexual responsable.

Descriptor: Adolescente. Educación sexual. Instituciones académicas. Familia.

Título: Educar sexualmente a los adolescentes: una finalidad de la familia y de la escuela?

ABSTRACT

The change from extended to nuclear families, the growing influence of the media on masses, the unhealthy lifestyles adopted by adolescents, weakened family ties stress the important role of education, particularly sexual education, today. A descriptive-correlational study was carried out to analyze the influence of the school and the family on the process of adolescent sexual education. A sample of 109 individuals was assessed. The following instruments were used: semi-structured interview, Parental Bonding Instrument, and Sexual Attitude Scale. The results showed that the first sexual intercourse was by the age of 14, and that teachers and adolescents believed that the family is a safe and sufficient source of sexual education. These data highlight the need of schools and families to work together with the adolescents, providing information and skills for responsible sexual health in adolescence.

Descriptors: Adolescent. Sex education. Schools. Family.

Title: Sexual education of adolescents: a role for the family or the school?

^a Artigo referente à dissertação de Mestrado em Saúde Escolar defendida em 2007 na Faculdade de Medicina de Lisboa, Portugal.

^b Mestre em Saúde Escolar. Doutor em Novos Contextos de Intervenção Psicológica em Educação, Saúde e Qualidade de Vida. Professor Adjunto de Enfermagem na Escola Superior de Saúde Egas Moniz em Almada, Portugal.

INTRODUÇÃO

Os adolescentes percebem a saúde de forma distinta dos adultos. Para eles ter saúde é igual a ser plenamente ativo, ser corajoso e fazer o que se quer. Deste modo, a adolescência é um período complexo e de considerável risco para a saúde, mas também pode ser um período favorável para intervenções significativas de promoção da saúde e de estilos de vida saudáveis⁽¹⁾.

Para muitos adolescentes, esta liberdade sexual é uma forma de enfrentarem as famílias e o meio, assumindo de certo modo uma atitude puramente reativa, não tão livremente como julgam, deixando-se levar por experiências para as quais ainda não estão preparados. Os adolescentes influenciam e são influenciados por vários contextos: a família, a rede social, econômica e cultural, o ambiente, a educação e o próprio sistema político⁽²⁾.

É necessário compreender o que os adolescentes pensam, sabem e querem quanto à sua saúde sexual, numa perspectiva de formulação de estratégias que promovam a saúde e o bem-estar, entendido como condição básica de desenvolvimento. É neste sentido que se evidencia a importância da educação sexual.

A educação sexual como um conhecimento acerca da sexualidade, leva as pessoas a modificar atitudes⁽³⁾. Não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais são os próprios pais, porque a eles compete a maior responsabilidade na formação dos seus filhos. Os pais são os modelos que contribuem para a construção da identidade sexual dos seus filhos e estão conscientes da importância da educação sexual para o desenvolvimento global dos adolescentes⁽⁴⁾. Estudos realizados revelam que alguns pais não se sentem à vontade para falar sobre a sexualidade com os filhos e receiam não ter a informação apropriada, que corresponda às necessidades dos seus filhos, nos diferentes níveis etários. Outros são da opinião que se falarem com os filhos sobre sexualidade, promoverão o início da sua atividade sexual mais cedo que o esperado.

Desta forma, o diálogo entre a família e a escola é fundamental para o desenvolvimento da sexualidade nos adolescentes. Portanto, se à família cabe um relacionamento mais íntimo e profundo, à escola caberá um relacionamento mais planejado e sistemático. A escola é um ambiente altamente favorável ao desenvolvimento da sexualidade, pro-

porcionando instrumentos tais como: o processo de socialização e o convívio entre ambos os sexos. Torna-se imprescindível que se comunique sobre a sexualidade de forma positiva e atenta, adequada às curiosidades dos adolescentes, em relação a fatos e a temas de âmbito sexual.

Este estudo teve como principal objetivo analisar a influência da família e da escola na sexualidade dos adolescentes.

Assim, para que a atuação dos pais e dos professores seja adequada às necessidades da população adolescente, é necessário efetuar estudos de campo. Melhorar a saúde dos adolescentes deve ser, atualmente, uma das preocupações dos profissionais de saúde.

METODOLOGIA

O estudo desenvolvido foi do tipo descritivo e correlacional. A população do estudo era de 362 indivíduos distribuídos da seguinte forma: 156 adolescentes (do ensino fundamental e médio, com 5 a 9 anos de estudo e idades compreendidas entre 12 e 17 anos), 156 pais, e 50 professores pertencentes à Escola Básica 2,3 Francisco de Arruda de Lisboa. Inicialmente a população do estudo coincidia com a amostra. Após a distribuição dos questionários a todos os sujeitos e depois da sua coleta, a amostra ficou constituída por 127 sujeitos distribuídos da seguinte forma: 109 indivíduos (71 adolescentes, 22 pais e 16 professores); 18 indivíduos, que se submeteram à entrevista (6 adolescentes, 6 pais e 6 professores). O número de sujeitos entrevistados levou em consideração a saturação dos dados relatados.

No questionário foram formuladas questões que abordavam a utilização dos métodos contraceptivos e os conhecimentos em matéria de sexualidade, a comunicação sobre sexualidade promovida pelos pais, os elementos que a facilitam, os contextos em que esta ocorre, as dificuldades na abordagem dos temas e as fontes de informação da sexualidade e finalmente o perfil do educador sexual.

Para aprofundar alguns tópicos importantes na análise do objeto em estudo foram utilizadas também escalas psicométricas de opinião, para os adolescentes e para os pais: a escala de proximidade emocional e práticas de controle parental⁽⁵⁾ e a escala de atitudes sexuais⁽⁶⁾, ambas validadas para a população portuguesa.

O questionário foi aplicado aos alunos em sala de aula, durante o horário letivo. O investigador esteve sempre presente. Os questionários eram posteriormente colocados, pelos próprios adolescentes, em uma caixa com uma abertura. Aos pais e professores, foram entregues em envelopes devidamente fechados e com o endereço para a sua devolução.

Foi utilizada, ainda, a entrevista não estruturada, que se realizou em sala cedida pela escola. Assim, foram confrontados, individualmente, os adolescentes, os pais e os professores com um conjunto de cenários que poderiam ou não ter acontecido no ambiente familiar e escolar, relacionados com o nosso estudo. Quando se tratava de situações não vivenciadas pelos entrevistados sugeríamos que nos relatassem as expectativas que possuíam relativamente ao seu comportamento perante a hipotética ocorrência de tal situação.

A entrevista teve como finalidade justificar algumas conclusões obtidas pela análise estatística e também validar alguns resultados. Antes da aplicação dos instrumentos de coleta de dados e depois da autorização da realização deste estudo pelo Conselho Executivo da Escola foi entregue aos pais e professores um Termo de Consentimento Livre e Informado. Coube também aos pais autorizarem a participação dos seus filhos neste estudo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Informado para menores de idade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi constituída por adolescentes que possuíam idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, situando-se a maioria entre os 13 e os 14 anos. Neste grupo a proporção de rapazes e de moças foi respectivamente de 54,9% e de 45,1%. Os pais pertenciam ao grupo etário dos 25 aos 48 anos, estando a maioria deles entre 31 e 42 anos. Os professores possuíam idades compreendidas entre os 26 e os 58 anos, pertencendo a maioria deles ao grupo etário dos 32 aos 54 anos. Em relação à escolaridade dos adolescentes 42,4% frequentavam o 7º ano, 33,3% o 8º ano e 24,2% o 9º ano.

Os resultados revelaram também que 9,9% dos adolescentes já eram sexualmente ativos e que a idade das primeiras experiências sexuais surgiu entre os 13 e os 16 anos, isto mais precocemente do que em outros estudos⁽⁷⁾. No nosso estudo 10,3% dos adolescentes do sexo masculino e 9,4%

do sexo feminino já tinham tido relações sexuais, o que demonstrou certa similaridade na iniciação sexual. O início da primeira relação sexual ocorreu aos 13 anos. Os resultados que obtivemos são curiosos porque em outros estudos, os autores constataram que, em todas as épocas, os rapazes iniciavam-se mais cedo e apresentavam maiores percentagens de atividade sexual em todas as idades^(8,9), mas vai ao encontro de outras pesquisas que evidenciam uma tendência de uniformidade no comportamento sexual entre gêneros no que diz respeito à idade em que ocorre a primeira relação sexual⁽¹⁰⁾.

Para 57,1% dos adolescentes o início da atividade sexual foi descrita como uma situação que "aconteceu". Desta forma embora 28,6% dos adolescentes do nosso estudo referissem que a iniciação sexual era aguardada e planejada, podemos concluir que o ato em si, na maior parte das vezes, foi realizado aproveitando as oportunidades que surgiram para a sua concretização, ou seja, de uma forma inesperada. Todos os adolescentes que já tinham se iniciado sexualmente referiram que esta ocorreu com um amigo(a) ou com o(a) namorado(a). O uso de preservativo nos adolescentes estudados foi referido por 85,7% o que é ligeiramente superior a outros resultados⁽¹⁰⁾. Os adolescentes, também, foram questionados sobre a razão do não uso do preservativo. A maioria destes referiu que não o usava porque não tinha preparação prévia, ou seja, não sabiam utilizá-lo (52%) ou porque tirava prazer nas relações sexuais (33%).

Os pais participantes no estudo, embora considerassem a escola como a Instituição de eleição na educação sexual dos seus filhos (93,8%), também afirmaram que a educação sexual era complementada em ambiente familiar (93,8%). Os resultados mostraram ainda, que tanto para os adolescentes (56,7%), como para os professores (93,8%), a família era também uma Instituição que completava o papel da escola isto é a educação sexual dos adolescentes deveria ser partilhada pelas duas Instituições⁽¹¹⁾.

Estes dados demonstram que a maioria dos pais deseja a implementação de programas de educação sexual nas escolas, o que poderá ser explicada pela idéia também defendida por estes da necessidade da complementaridade entre as duas instituições Escola/Família. Os resultados deste estudo mostraram, que os pais (68,2%) não recebavam que a educação sexual na escola pudesse despertar

nos seus filhos comportamentos sexuais precoces, o que vai ao encontro com alguns estudos^(12,13).

Os conteúdos das entrevistas revelaram que eram frequentes as referências dos **adolescentes** sobre o papel positivo e de ajuda que os pais têm em relação à sua sexualidade, expressando-se em afirmações do tipo:

[...] sabe eu sou filha única e por isso estou muito à vontade com os meus pais [...] só os tenho a eles [...] são os meus melhores amigos (adolescente).

Ou a propósito dos namoros:

Os meus pais aceitavam o meu namoro [...] eles também já passaram por isto (adolescente).

Falava logo com os meus pais [...] os dois ao mesmo tempo era mais fácil (adolescente).

Assim, nos adolescentes, o fato de se sentirem bem informados sobre as questões da sexualidade coexiste, muitas vezes com o desejo de falarem com os pais sobre estas questões. Contudo, existem atitudes de ocultação das relações amorosas:

[...] se fosse uma brincadeira eu não lhes contava [...] não valia a pena os meus pais se preocuparem [...] era só para curtir (adolescente).

Em relação aos **pais**, o envolvimento amoroso dos seus filhos é bem aceito, expressando-se este fato na afirmação de sentimentos positivos e no reconhecimento que estas relações integram naturalmente o desenvolvimento e o crescimento dos adolescentes. Eis alguns exemplos das respostas:

Olhe, aproveitava para lhe explicar quais os cuidados que devia ter com o namorado [...] antes que aparecesse cá em casa de "esperanças" (pais).

Nos pais dos adolescentes ainda encontramos certa desvalorização e uma relativização das experiências amorosas dos rapazes:

Achava engraçado porque é uma situação normal [...] eu sempre fui muito namorada [...] mais vale ele experimentar se dá bem com a namorada antes de avançarem para outras coisas [...] (pais).

Em alguns casos é descrito um certo acompanhamento da situação, quer por iniciativa dos pais, quer pelos adolescentes:

Já disse ao meu filho que prefiro que ele a traga para casa do que ande com ela por aí na rua [...] e eu assim, sempre sei como é que eles estão [...] fico mais descansada (pais).

Em relação aos **professores** verificamos que estão muito abertos ao namoro na adolescência aceitando-o como marco no desenvolvimento afetivo-emocional do adolescente:

Desde que eles tenham juízo não me incomoda (professor).

Hoje em dia isso é natural [...] já não ligo [...] eles estão na época disso (professor).

A educação sexual nas escolas é em muitos casos apontada como alternativa à educação sexual na família:

Evitava alguns problemas como a gravidez e a SIDA (adolescente).

Eu ficava contente porque às vezes andamos confusas e as aulas ajudavam bastante (adolescente).

Falo bem com os meus pais [...] (adolescente).

[...] eles não acreditam nos mais velhos [...] pensam que já estamos ultrapassados (pais).

Eu acho bem porque há pais que não explicam [...] alguns não sabem nem para eles [...] hoje em dia não há tempo para conversar em família (pais).

Era excelente [...] os professores estão bem preparados para ensinar isso [...] o meu filho podia ter mais respeito sobre o que eles dizem [...] (pais).

A educação sexual na escola também é um tema que gera alguns sentimentos de receio e de dúvidas por parte dos **professores**:

[...] é um assunto delicado [...] eu não sei o que é melhor (professor).

Penso que a educação sexual na escola não devia ser dada como disciplina, isso não funciona por imposição (professor).

A escola e sobretudo os colegas iriam ridicularizar as dúvidas dos adolescentes [...] eles não se sentiam à vontade [...] são muito maus uns para os outros (professor).

Ainda no que diz respeito aos resultados dos dados dos métodos quantitativos, parece-nos que existe uma tendência significativa na mudança da abordagem da sexualidade entre pais e filhos. Tal mudança fica expressa na proximidade e no consequente aumento da qualidade da comunicação existente entre estas duas gerações. No nosso estudo, a maioria dos pais (72,7%) e dos professores (75%) consideravam que a informação que os adolescentes possuíam sobre a sexualidade era boa ou razoável. Também 69% dos adolescentes consideravam que possuíam uma boa informação sexual. Estes resultados contrariam, em certa medida, aqueles encontrados em outras pesquisas^(13,14).

No nosso estudo, podemos também concluir que os adolescentes com melhores práticas sexuais^c eram aqueles que possuíam uma melhor comunicação com os seus pais ($R_s = 0,450$; $p=0,005$). O nível de conhecimentos que os adolescentes possuíam sobre sexualidade era proporcional à preocupação sexual dos pais em relação à sexualidade dos seus filhos, o que se refletia na tendência que os adolescentes demonstraram para acreditar em tudo o que os pais lhes diziam e não omitirem dúvidas sobre estas questões aos seus pais⁽¹⁵⁾. No entanto, é interessante verificarmos, que talvez eles adquiram a informação sobre a sexualidade também por meio de outras fontes uma vez que alguns adolescentes consideram que os pais não possuem uma comunicação efetiva consigo sobre as questões de âmbito sexual.

Em relação à comunicação sobre sexualidade que mais frequentemente é abordada na família, as entrevistas aos **adolescentes** demonstraram que esta é influenciada pelo receio que a abordagem destes temas possa provocar conflitos ou complicações na sua relação com os pais:

[...] os meus pais [...] bem, é mais o meu pai, quando saio pensa logo que vou fazer disparates, e começa logo com os sermões [...] vê lá tem cuidado [...] há aí tanta doença [...] e ao mesmo tempo começa com as piadas: olha que eu não quero ser avô cedo (adolescente).

Eu como sou rapariga a minha mãe conversa muito comigo [...] com o meu pai não converso tanto [...] tenho vergonha, mulher com mulher é mais fácil (adolescente).

Eu não tenho lata para conversas sobre essas coisas, não me sinto bem falar nisso [...] sei lá o que é que a minha mãe pensa sobre mim [...] mas quando eu não puxo conversa puxa ela (adolescente).

Mas a maioria considera que desenvolve uma comunicação aberta com os pais, fruto da proximidade emocional entre eles:

[...] conto tudo aos meus pais [...] eles apoiam-me muito (adolescente).

[...] a minha mãe é a minha melhor amiga (adolescente).

[...] sobretudo a minha mãe, desde muito cedo explica-me tudo (adolescente).

Em relação aos **pais**, as barreiras à comunicação sobre a sexualidade com os filhos são, sobretudo, a inibição, a timidez e a falta de iniciativa dos seus filhos:

Eu sinto que a minha filha fica com vergonha de falar sobre sexo [...] quando estamos a ver televisão e aparece alguma daquelas cenas ela até desvia o olhar (pais).

Os meus filhos são muito reservados [...] é do seu feitio [...] ele é mais reservado do que ela [...] devem falar com os amigos, penso eu (pais).

No entanto, a maioria dos pais considera que mantém uma comunicação adequada com os seus filhos sobre assuntos relacionados com a sexualidade:

Eu estou muito ligada à minha filha. Claro que ela fala mais comigo do que o meu marido [...] ele às vezes também se descarta (pais).

A maior parte das vezes aproveitamos situações que acontecem em filmes para comentarmos sobre as questões da sexualidade [...] o mais difícil é começar (pais).

Os resultados dos métodos quantitativos levam-nos ainda a considerar que as relações pais-filhos geram continuidade e mudança, dado que tais relações constituem um laço afetivo que se mantém ao longo do ciclo vital. No entanto, no nosso estudo embora 22,5% dos adolescentes falassem com ambos os pais sobre sexualidade, a maioria, ou seja 58,6% dos adolescentes falavam principalmente com mãe. Contudo, metade da amostra de pro-

^c Conjunto de asserções que averiguam os hábitos dos adolescentes no que concerne à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.

fessores do estudo salientou que os adolescentes nunca falavam com os progenitores, isto talvez porque como nos dizem alguns autores, os pais podem funcionar como “figuras de vinculação de reserva”⁽¹⁶⁾.

Todavia, podemos também salientar que existe uma discrepância entre os filhos e as filhas como beneficiários da comunicação familiar sobre sexualidade, sendo maior nas moças (51,6%) do que nos rapazes (12,8%). Isto justifica-se, talvez, pelo papel exercido pelas mães na educação dos seus filhos. Por outro lado, foi também visível a influência do gênero na proximidade emocional e controle parental entre os rapazes e os seus pais. Como vimos, os rapazes expressavam maiores níveis de distanciamento com os progenitores e parece confirmada a idéia de que as relações menos intensas e de menor controle parental eram, em geral, entre pais e filhos, e as relações mais intensas e de maior controle parental eram entre pais e filhas.

Podemos assim verificar através da análise dos resultados que, tanto os adolescentes, especialmente as moças, como as mães concordavam que desenvolviam uma relação carinhosa e de proximidade emocional facilitadoras na abordagem de questões sexuais⁽¹⁷⁾.

Em relação à análise da escala de atitudes sexuais podemos verificar que a permissividade sexual, dos adolescentes aumenta proporcionalmente à opinião negativa que estes possuem relativamente à comunicação com os seus pais e com os professores. Quanto à comunhão sexual^d dos adolescentes, esta é mais forte à medida que as conversas com os seus pais sobre sexualidade aumentam. No que se refere ao prazer físico, pode-se concluir que, na nossa amostra, este era baixo, isto talvez, devido à interiorização por parte do adolescente de uma determinada moral sexual⁽¹⁸⁾. Os adolescentes que possuíam as melhores práticas sexuais eram os que tinham uma melhor comunicação com os seus progenitores, no entanto, consideravam que os pais ainda manifestavam algumas dificuldades em abordar as questões sexuais e assim, os professores eram considerados uma alternativa de informação sexual, uma vez que os adolescentes conseguiam estabelecer uma boa relação comunicacional com eles.

^d Refere-se a um conjunto de itens que analisam a liberalização das relações entre os parceiros sexuais.

Os resultados do nosso estudo vêm reforçar as conclusões de outros estudos^(19,20). Em relação à análise da escala de atitudes sexuais, só podemos afirmar que existe uma maior permissividade e partilha sexual nos rapazes do que nas moças ($p < 0,004$), assim julgamos que é menos provável que um rapaz volte a ter relações sexuais com a sua primeira parceira, o que não acontece com as moças; a primeira relação sexual é menos planeada nos rapazes do que nas moças⁽²⁰⁾.

O resultado das entrevistas indica que a abordagem de questões sobre sexualidade entre filhos e pais, nomeadamente, sobre a contraceção incide principalmente sobre o desejo dos **adolescentes** falarem sobre contraceptivos e as expectativas do apoio dos pais, nomeadamente no acesso aos mesmos:

Informava-me com a minha mãe e usava o preservativo, para prevenir doenças e os filhos (adolescente).

Pedia conselhos aos meus amigos e ao meu pai [...] usava o preservativo, embora considere que não é a “mesma coisa” (adolescente).

Aparecem igualmente outras referências às razões pelas quais teriam dificuldade em abordar a questão, nomeadamente a vergonha e a recusa dos pais da possibilidade dos adolescentes virem a ter uma vida sexual:

Os meus pais não aceitavam o início da minha vida sexual porque sou muito nova. Mas se eu estivesse preparada tinha de ser eu própria a ter coragem de ir comprar os contraceptivos (adolescente).

Informava-me com a minha irmã e nunca com os meus pais [...] acho que morria de vergonha (adolescente).

Em relação aos **pais**, os sentimentos negativos sobre a utilização dos contraceptivos pelos seus filhos na sua vida sexual estavam relacionados com a ocultação deste fato pelos mesmos:

Reagia mal [...] ela tinha-me escondido (pais).

Se ela um dia precisar pode pedir-me [...] eu até sou capaz dos ir comprar (pais).

Noutros casos, no entanto, aparecem atitudes positivas e apoiantes face ao início do relacionamento sexual:

Informava a minha filha que o preservativo não é apenas para prevenir a gravidez mas também as DSTs (pais).

Reagia bem [...] era sinal que ele tinha cuidado [...] eu também já lhe expliquei como é que funciona o preservativo utilizando uma banana [...] e na escola também falam nisso [...] (pais).

Quanto aos **professores**, as suas respostas indicam-nos uma atitude fracamente positiva relativamente ao uso dos métodos contraceptivos:

[...] ficaria muito satisfeita porque finalmente alguém compreendeu que isso é um objeto de uso diário e que deve estar sempre na mala (professor).

Aproveitava para explicar o uso adequado do preservativo (professor).

Ainda em relação à questão colocada na entrevista sobre a homossexualidade, quase sempre a situação foi aceite pelos **adolescentes**:

Aceito a homossexualidade e assumia-me como tal [...] mas sei que a sociedade me condenava [...] seria difícil (adolescente).

As atitudes mais frequentes que encontramos nos **pais** em relação à homossexualidade demonstram por um lado a aceitação da situação, mas por outro era mediada por uma sensação de incômodo, receio e vergonha:

Aceito a opção sexual de cada um [...] mas no meu filho seria complicado (pais).

Preferia ter um filho homossexual do que toxicodependente (pais).

Dava conselhos ao meu filho para tê-lo sempre ao meu lado, dando-lhe o apoio necessário [...] ele assim não se afastava de mim (pais).

Para outros pais, a homossexualidade, também, é vista como uma doença, um desvio ou uma disfunção:

Isso [...] é uma doença e só a aceito como tal [...] vai contra a natureza (pais).

Quanto aos **professores**, é frequente encontrarmos sentimentos de aceitação e opiniões não dis-

criminatórias expressas no reconhecimento da igualdade de direitos e no respeito pela diferença:

Respeitava a opção do aluno (professor).

Os outros colegas não o aceitavam (professor).

As correlações estudadas realçam ligações importantes entre o tipo de relacionamento global que os pais e adolescentes têm entre si e a comunicação efetiva sobre questões sexuais. Em relação aos temas sobre sexualidade, a masturbação foi um tema mais difícil de ser abordado pelas adolescentes (69,6%), do que pelos adolescentes (29,4%). Em relação ao aborto, foram as moças (36,7%) que gostariam de vê-lo abordado nos conteúdos das conversas sobre sexualidade, enquanto os rapazes (19,4%) não partilhavam dessa opinião. Quando comparamos as respostas das moças e dos rapazes, ainda, podemos afirmar que as moças (60,9%) possuíam atitudes mais negativas e cautelosas sobre a comunicação de assuntos sexuais com os progenitores, mas também eram elas as que solicitavam ajuda no seio familiar para esclarecimento de dúvidas sobre a sexualidade.

Pela análise das entrevistas, parece-nos importante salientar que a maioria dos **adolescentes** falaria com os pais, em especial com a mãe sobre a sua gravidez:

Contava aos meus pais e aos dela [...] como sou rapaz é natural que os pais dela ficassem mais preocupados (adolescente).

[...] ao meu pai não lhe dizia nada ao princípio [...] dava-lhe uma coisa no coração [...] mas os dois iriam ficar chateados (adolescente).

Em relação aos **pais**, o seu desconforto é superior nos progenitores que possuem moças do que nos que possuem rapazes:

Para os rapazes não há tantos problemas como para as moças (pais).

É mais fácil uma mãe aceitar uma namorada do seu filho grávida do que a sua própria filha (pais).

Em alguns casos encontramos referência em que a decisão era a favor da interrupção da gravidez devido ao fato de prejudicar gravemente a sua vida futura:

Aceitaria a situação [...] aconselhava o aborto porque a criança ia pôr em risco a sua carreira (pais).

Em outros casos é a perspectiva da continuação da gravidez que aparece. Mesmo que em um primeiro momento a reação fosse de choque e surpresa, alguns pais aceitariam a gravidez:

Antes grávida do que doente (pais).

As adolescentes têm informação suficiente para fazer a sua escolha [...] aceitaria a sua opção (pais).

Quanto à opinião dos **professores**, estas são maioritariamente de apoio ao adolescente:

Falaria com ela para a acalmar e dizia-lhe que tudo se resolvia [...] que estava ali para ajudá-la (professor).

Dir-lhe-ia para se dirigir ao médico de família (professor).

CONCLUSÕES

Podemos concluir que, na amostra estudada, existia uma atitude favorável à utilidade da educação sexual e, principalmente, os pais não viam oposição entre a escola e a família nesta matéria. Quanto à educação sexual promovida pela escola, realça-se sobretudo a opinião discordante dos professores relativamente à escola ser a instituição a que compete unicamente a educação sexual dos adolescentes. Essa relutância pode justificar-se na alegação da falta de qualificação dos docentes nesta problemática, bem como na falta de programas adequados. No entanto denotou-se uma abertura por parte dos pais à educação sexual nas escolas.

De uma maneira geral, a comunicação intra-familiar da nossa amostra é geradora de ambientes comunicacionais informativos e reflexivos que conduzem a um aumento do nível de intensidade e de frequência sobre assuntos relacionados com a sexualidade. Podemos concluir que os adolescentes recorriam primeiro aos pais e depois aos professores quando desejavam alguma informação de conteúdo sexual.

A pesquisa sugere que existe diferenças claras entre adolescentes do sexo masculino e do sexo feminino, também, em relação à natureza da sua comunicação com os pais. Constatamos também que a mãe tinha um papel mais relevante na educação sexual do seu filho.

Podemos afirmar que o envolvimento dos pais na sexualidade dos adolescentes estava associado a atitudes sexuais menos permissivas, de maior comunhão sexual, de menor prazer físico e de grande nível de práticas sexuais. Ainda podemos concluir que os pais referiram um baixo nível de controle parental, enquanto os adolescentes revelaram um alto nível de controle em relação às práticas sexuais.

O investimento imediato na educação sexual dos adolescentes é um valioso passo no sentido do desenvolvimento sustentado tanto para benefício do indivíduo, como da sociedade e da humanidade.

REFERÊNCIAS

- 1 Frasilho MA. Comportamentos-problema em adolescentes: factores protectores e educação para a saúde: o caso de toxicodpendência. Lisboa: Laborterapia; 1996.
- 2 Vieira R. II Curso Pós-Graduado em Sexualidade: nota introdutória. Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa 2003;8(3):121.
- 3 Cavalcanti RC. Educação sexual no Brasil e na América Latina. Revista Brasileira de Sexualidade Humana 1993;4(2):164-73.
- 4 Sousa F. Sexualidade no adolescente: comportamentos, conhecimentos e opiniões/atitudes de adolescentes escolarizados [dissertação]. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar; 2000.
- 5 Parker G, Tupling H, Brown B. A parental bonding instrument. British Journal of Medical Psychology 1979;52:1-10.
- 6 Hendrick S, Hendrick C. Multidimensionality of sexual attitudes. Journal of Sex Research 1987;23(4):502-26.
- 7 Sampaio D. Escola, família e amigos. Lisboa: Ministério da Educação; 1996.
- 8 Jaccard J, Dittus PJ, Gordon VV. Maternal correlates of adolescent sexual behaviour. Family Planning Perspectives 1996;28(4):159-65.
- 9 Almeida J, Pais M, Torres A, Machado F, Ferreira P, Nunes J. Jovens de hoje e daqui. Loures: Câmara Municipal; 2003.
- 10 Wellings K, Cleland J. Surveys on sexual health: recent developments and future directions. Sexually Transmitted Infections 2001;77(4):238-41.

- 11 Whitaker DJ, Miller KS. Parent-adolescent discussions about sex and condoms: impact on peer influences of sexual risk behaviour. *Journal of Adolescent Research* 2000;15(2):251-73.
- 12 Rotheram-Borus MJ, Meyer-Bahlburg HF, Koopman C, Rosario M, Exner TM, Henderson R, et al. Lifetime sexual behaviors among runaway males and females. *Journal of Sex Research* 1992;29(1):15-29.
- 13 Loureiro F. Informação sexual dos adolescentes: grau de conhecimentos, relação com comportamentos e opiniões. *Revista Portuguesa de Saúde Pública* 1999;8(2):17-23.
- 14 Vieira R, Silva M. Perturbações sexuais. In: Cordeiro JCD, organizador. *Manual da psiquiatria clínica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2002. p. 157-206.
- 15 Vilelas Janeiro JMS. Influência da família e da escola na sexualidade dos adolescentes: opinião dos próprios, dos pais e dos professores [dissertação]. Lisboa: Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa; 2007.
- 16 Soares I. O grupo de pares e a amizade. In: Campos BP, Ribeiro JP, Fontaine AM. *Psicologia do desenvolvimento e da educação dos jovens*. Lisboa: Universidade Aberta; 1992. p. 93-137.
- 17 O'Sullivan LF, Jaramillo BM, Moreau D, Meyer-Bahlburg HF. Mother-daughter communication about sexuality in a clinical sample of Hispanic adolescent girls. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences* 1999;21:447-69.
- 18 Ferreira S, Figueiredo A, Lorga da Silva C. *Jovens em Portugal: análise longitudinal de fontes estatísticas*. Oeiras: Celta/SEJ; 1999. (Coleção estudos sobre a juventude).
- 19 Huerta-Franco R, Diaz-de-Leon J, Malacara JM. Knowledge and attitudes towards sexuality, in adolescents and their association with the family and other factors. *Adolescence* 1996;31(121):179-91.
- 20 Alferes VR. *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Afrontamento; 1997.

**Endereço do autor / Dirección del autor /
Author's address:**

José Manuel da Silva Vilelas Janeiro
Casas de Azeitão, Rua dos Amores, lote 42
2925-607, Azeitão, Portugal
E-mail: jose.vilelas@gmail.com

Recebido em: 10/03/2008
Aprovado em: 12/06/2008